

RESENHA DE *O DESENROLAR DA LINGUAGEM*, DE GUY DEUTSCHER

Ednei de Souza Leal¹

edsleal79@gmail.com

1. INTRODUÇÃO: ESSA MARAVILHOSA INVENÇÃO

A editora Mercado de Letras lançou o “Desenrolar da Linguagem”, obra do linguista israelense Guy Deutscher, do original “The Unfolding of Language”. Vertido para o português por Renato Basso e Guilherme Henrique May, a obra de 487 páginas está dividida em sete capítulos, além dos dois prefácios (um para tradução brasileira), introdução e epílogo. Conta ainda com cinco apêndices. Além disso, o livro contém, naturalmente, notas e bibliografia, bem como um cuidadoso glossário. A estrutura do livro, sobretudo o epílogo, os apêndices e o glossário fazem jus a uma de suas missões, qual seja: promover um trabalho de divulgação científica sobre a linguística. Mesmo assim, Deutscher consegue, ao mesmo tempo, cativar tanto o público leigo, quanto o público especializado, isso porque tanto o assunto abordado na obra quanto a forma que é abordado, tornam o livro instigante e até relevante do ponto de vista científico.

Logo na introdução, “Essa maravilhosa invenção”, o autor nos fornece todas as questões levantadas na obra e que são também questões levantadas tanto por leigos quanto por linguistas há séculos. De maneira geral, a questão central do livro é a “mudança linguística”, e mais especificamente como e por que essa mudança é operada na linguagem humana, até o ponto em que nossa língua atinge a complexidade que tem atualmente. No fim das contas, a mudança que Deutscher está interessado em mostrar é como as línguas se tornaram tão complexas. No entanto,

¹ Aluno de pós-graduação (Doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

para responder a essas questões centrais, Deutscher precisará desdobrá-las em várias outras que servirão, no fim das contas, como bons argumentos para responder como as línguas naturais se “desenrolam” desde um estágio teoricamente primitivo ao enorme aparato no qual as línguas humanas se encontram hoje em dia. Então, para expor ao seu leitor todo seu mecanismo de argumentação, construído justamente com base nas razões que ele acredita serem os principais promotores das mudanças e atual complexidade das línguas, Deutscher propõe que viajemos com ele em questões como: (i) houve na língua um estado “mim, Tarzan”? Ou seja, dada a sofisticação da nossa língua, fica claro que tivemos um estágio linguístico bastante incipiente. Se houve, como chegamos, desse estado incipiente, ao atual? (ii) como nossa língua continua tão complexa se, ao que parece, ela paulatinamente vem empobrecendo? No limite, o que ele pretende mostrar ao longo da obra, e que já deixa claro na introdução é de que forma as forças de destruição e construção operam na língua e fazem com que ela continue existindo. Mais uma vez, para explicar isso, terá de desdobrar várias questões. Ou melhor, Deutscher vai “desenrolar” tais questões ao longo dos sete capítulos do livro.

Ainda na introdução, o autor esclarece que dadas essas questões, ele precisará tratar de evolução da língua, desde um estágio incipiente, passando pelas prováveis nuances que trouxeram a língua à sua complexidade atual. Nesse sentido, ele faz duas associações interessantes da evidente eclosão da língua: antes dos *Homo sapiens*: a primeira diz respeito à construção de artefatos e ao domínio do fogo que tinham os *Homo erectus*. Essas evidências, no entanto, não seriam suficientes, dado que o uso de ferramentas por chimpanzés é constatada e evidentemente transmitida culturalmente sem auxílio de uma língua como a nossa. A segunda associação que Deutscher faz diz respeito ao aparelho fonador dos mesmos *Homo erectus*, que não permitia, por exemplo, que se produzisse a vogal “i” justamente por conta da fisionomia do seu aparelho fonador. Por outro lado, é altamente aceitável que exista uma língua organizada sem essa vogal, ainda que não se tenha exemplo disso nas línguas catalogadas até hoje. Outro grupo de linguista admite que a eclosão da língua tenha se dado no momento em que os *sapiens* começaram a produzir “arte”: cerca de 50 a 75 mil anos atrás. O que é uma evidência bem fraca, pois as duas habilidades poderiam ter sido desenvolvidas independentemente uma da outra. Além disso, se traçarmos paralelos: não há evidências de que nossa língua tenha ficado mais complexa depois da Revolução Industrial ou depois do surto tecnológico das últimas

décadas. Por outro lado, tribos africanas, por exemplo, que ainda vivem no esquema caçar-coletar, não têm línguas menos primitivas do que o latim e o grego, isso constatado em suas estruturas já amplamente estudadas.

As discussões sobre a origem das línguas não podem deixar de tocar à questão do inatismo. No entanto, possivelmente para não desviar o foco, Deutscher trata o assunto com cautela e certa distância:

[...] nosso objetivo será explorar como podem se desenvolver na sociedade humana convenções comunicativas elaboradas. Em outras palavras, nosso objeto de investigação não será a evolução biológica, mas sim os processos que são às vezes referidos como “evolução cultural”: a emergência gradual de códigos de comportamento na sociedade, que são passados adiante de geração para geração (p. 37)

Fica clara aqui a distância entre o que é social e o que é biológico no âmbito das discussões propostas nesse livro. Parece, então, que é evidente a preferência do autor a uma corrente funcionalista.

Ainda é interessante apontar que, na Introdução à Edição brasileira, o próprio Deutscher louva o trabalho dos tradutores, sobretudo no que tange à adaptação de exemplos do inglês para o português. Finalmente, Deutscher provocativamente nos lembra, em consonância com o título da introdução, que a língua não foi inventada. Ao que se segue, ele vai procurar responder por quê. Essa questão é, no fim das contas, a mais importante de todas as indagações aqui levantas e, nos parece, a mais provocativa e instigante, visto que para o senso comum, a questão da origem de paternidade da língua é um verdadeiro mistério, ao passo que para comunidade científica, a mesma questão é praticamente um tabu.

2. OS CAPÍTULOS

No capítulo 1, *Um Castelo no Ar*, Deutscher inicia uma longa discussão sobre as palavras e suas disposições e, conseqüentemente, sobre a ordem nas sentenças. O ordem das palavras nas sentenças, deixa claro Deutscher, não segue um padrão do qual poderíamos chamar de “Universal Linguístico”. Posteriormente, por meio de orações interrogativas, Deutscher mostrou que nem todas as regras servem para todos os casos: enquanto em português as interrogativas são feitas por meio de entoações (Você quer bolo?), no inglês há uma operação sintática que envolve essencialmente a mudança de ordem nas palavras das sentenças (Do you want a

cake?). Aí surge a questão: por que a língua não se vale do “princípio da economia” para usar o mínimo de regras? É interessante notar que em português, segundo o princípio da economia, sintaticamente seria mais econômico usarmos “farei” ao invés de “eu vou fazer”, no entanto preferimos a forma analítica, sintaticamente menos econômica. Segundo o pensamento linguístico do século XIX, Schleicher foi um dos que afirmaria isso, um dos motivos de degradação das línguas, que levaram à derrocada do sistema de caso latino, por exemplo, é a “preguiça”. Ora, na medida em que os falantes “comiam” a sílaba final que justamente era o morfema atribuidor de caso, esse nome agora não poderia se distinguir ante os outros, o que justifica a consequente rigidez da ordem das palavras nas sentenças. A resposta imediata ao “princípio da economia” é a de que ele atribui a complexidade inerente das línguas. Seja como for, a língua se organiza em blocos, de modo a “atenuar” essa complexidade inerente. Após isso, Deutscher nos dá um exemplo dos pelotões de um exército, que são organizados em blocos e hierarquias: “Nas línguas, um princípio hierárquico similar nos permite efetuar manobras complexas com pouca dificuldade” (p. 52-53). Embora toque nesse assunto, a questão de ordem será tratada nesse capítulo apenas de forma ilustrativa e marginal, para dar apoio a questões lexicais e morfológicas propriamente.

Voltando às palavras, Deutscher levanta questões já bem antigas nas ciências da linguagem, talvez a mais importante delas seja a irregularidade morfossintática, inerente em todas as línguas. A irregularidade, aliás, incomoda os linguistas há séculos, sobretudo no que tange a uma grande indagação: teria havido um estágio em que as línguas humanas não apresentavam irregularidades? Ou seja, teria havido um período de perfeição das línguas? Para procurar responder tais indagações, o autor procura mostrar de que forma surgem as irregularidades. Faz isso ao mostrar as misteriosas raízes dos verbos semíticos, pois são constituídas apenas de consoantes, as quais alteram suas formas através de vogais por infixos, muito diferentes, ao menos aparentemente, das raízes das línguas europeias. Ora, o mesmo exemplo das raízes semíticas será posteriormente utilizado por Deutscher para mostrar que diacronicamente essas raízes tiveram o mesmo percurso das raízes das línguas europeias. No entanto, foi apenas o ponto de vista que tornou as raízes das línguas semíticas exóticas, isso porque não se olhou para as alterações nas vogais das raízes dessas línguas, como foi feito com as raízes das línguas europeias.

Também são ilusórias, ao menos sincronicamente, as atribuições de gênero nas línguas. Através dessas marcações, Deutscher vai construindo seu argumento de que tais operações nas línguas são absolutamente naturais e, mais do que isso, são atribuições arbitrárias que nem sempre remetem a relações com o mundo exterior, ainda que tal atribuição, na maior parte das línguas, seja dividida entre macho e fêmea:

[...] o que os linguistas chamam de “gênero”, termo pelo qual eles não designam necessariamente distinções baseadas em sexo, mas qualquer classificação de substantivos de acordo com alguma de suas propriedades essenciais [...] muitas línguas escolhem, em vez dessa distinção (ou junto com ela), dividir os substantivos em “humanos” *versus* “não humano”, em “animados” (humanos e animais) *versus* “inanimados”, e às vezes em “comestível” *versus* “não comestível” [...]” (p. 65).

Arremata tal questão em outra seção do mesmo capítulo que ele chama de *Nabos Sexuados e outras Irregularidades*. Nessa seção, mostra que, em alemão, por exemplo, os ‘nabos’ recebem dos determinantes, gênero feminino, e a ‘menina’, no entanto, recebe gênero neutro: die Rüben, mas das Mädhen. Dessa forma, mostra como a marcação de gênero é arbitrária e não tem, assim, relação direta com o mundo.

É interessante notar que, ao longo de toda obra, Deutscher se vale de muitas metáforas, as quais têm a função facilitadora de nos fazer enxergar as “arquiteturas” da língua, ou seja: o modo como as línguas se organizam e funcionam. Aliás, tais metáforas se tornarão, em capítulos posteriores, uma espécie de metalinguagem de seu próprio argumento. Tais metáforas, então, são elementos essenciais não somente para a superfície textual, mas para a própria construção dos argumentos cabais da obra. Assim, Deutscher finaliza seu capítulo introdutório com uma de suas oportunas metáforas:

Por um lado, os projetistas por trás da estrutura das línguas devem ter conseguido algum jeito de edificar palácios de sofisticação magnífica, mas, por alguma razão misteriosa, eles não conseguiram limpar as pilhas em ruínas de irregularidades e irracionalidades que estão nas redondezas das belas construções (p. 70)

Movimento Perpétuo é o nome do capítulo 2, em que Deutscher procura apontar alguns aspectos adquiridos pela língua, ao longo dos séculos, e que a tornaram tão complexa. Antes de chegar a esse ponto, no entanto, o autor examina as causas desse fenômeno, levantando, assim, as seguintes questões: por que línguas

mudam? Ao mudar, sofrem, de alguma forma, decadência? Se sim, por que as línguas ainda existem? Seus pilares ainda não ruíram, por quê?

Para responder a algumas dessas questões, Deutscher nos lembra de que antes é preciso definir o que seja uma língua. Já de saída, essa é uma resposta extremamente difícil, porque na maioria dos casos o que determina o que é uma língua são critérios não linguísticos: seja para definir o que é língua em oposição a dialeto, seja para definir o que é um crioulo em oposição a uma língua, seja para definir qual ou quais são as línguas oficiais de um dado país. Nesse ponto o autor cita oportunamente o caso do servo-croata, que, politicamente, são duas línguas, isso porque são línguas faladas por países recentemente divididos e que usam alfabetos diferentes, mas são também línguas que seus diferentes falantes entendem-se uns aos outros. Mesmo assim, critérios linguísticos e estruturais não conseguem apontar que o servo e o croata são duas línguas diferentes. De todo modo, essa é uma questão que o autor deixa em aberto, justamente porque não há ainda uma resposta conclusiva.

Das outras questões levantadas pelo autor, talvez a mais urgente seja a questão da mudança. E, dela, uma primeira indagação eclode: por que as línguas mudam? Simplisticamente uma resposta seria: porque tudo muda. O que é uma resposta obviamente não satisfatória. Deutscher tenta então outra estratégia. Primeiramente ele levanta a hipótese de que as línguas mudam para acompanhar os avanços das sociedades. No entanto, ao suscitar a enorme mudança por que passou o mbabaram, língua aborígene australiana, sem que sua sociedade sequer mudasse tanto do ponto de vista de sua organização social, quanto do ponto de vista científico-tecnológico. Assim, o argumento de que a língua muda porque mudanças sociais e tecnológicas ocorrem é falso. Por fim, Deutscher se vê forçado a admitir que as mudanças ocorrem devido à inquietude interior da língua, visto que nenhuma das razões óbvias são suficientes para explicar as mudanças linguísticas: “As mudanças nas línguas surgem [...] através de acumulações de ações não intencionais” (p. 95).

Em seguida, Deutscher discute quais seriam as maiores causas das mudanças. Segundo ele, as maiores promotoras são economia, expressividade e analogia. Aliás, esses três fenômenos, seguidos de suas devidas explicações, tomarão praticamente toda a obra daqui em diante. No fim do capítulo, o autor diz que o tipo de mudança que interessará aqui para o argumento central do livro serão sempre as mudanças que se apresentam de forma regular.

As Forças de Destruição oportunamente nomeiam o capítulo 3, pois é nele justamente que Deutscher se aprofundará na questão das chamadas erosões linguísticas. Na verdade, inicia este capítulo justamente perguntando ao leitor se há realmente “decadência” nas línguas, ou se isso seria apenas um ponto de vista equivocado. Posteriormente, põe-se a discutir a razão pela qual sempre se acha que a língua está em franca decadência. Pelo teor da discussão, parece que não era apenas a língua do passado que era mais perfeita, mas todo comportamento, clima de opinião, costumes etc.

No que tange à língua, Deutscher sugere que as forças de construção estão próximas demais das forças de destruição, e é por conta disso que é tão difícil a verificação de uma língua sendo construída efetivamente. Na verdade, segundo ele, apenas nas últimas décadas os linguistas conseguiram de fato enxergar tais forças. A derrocada do sistema de caso latino é um bom exemplo para ilustrar que a necessidade expressiva da língua fez eclodir o sistema de preposições que se tem atualmente nas línguas românicas.

Quanto às forças de destruição, ponto central do capítulo, Deutscher procura mapear e explicar quais são essas forças e de que modo elas agem. Para tanto, diz ele que os Sistemas de Caso são, segundo constatado por linguistas, os que mais sofrem com as erosões. E assim como nos Sistemas de Caso, é a erosão em outros sistemas que provoca as irregularidades. Junto a isso, por conta de uma noção já identificada no século XIX, o “Princípio da Economia”, é que ocorrem as erosões fonéticas. Essas, por sua vez, desencadeiam mudanças semânticas. Mas ao contrário das mudanças fonéticas, as mudanças semânticas são motivadas por outra força, a necessidade de incremento de expressividade. Assim, quando se nota erosão, por exemplo, de um paradigma verbal, como o que está acontecendo no português brasileiro, há necessidade expressiva evidente: *ele vai/eles vão*, pode ser entendido como *vai/vão*, o mesmo não é possível com a perda das terminações verbais, o qual se sujeita a marcar com pronome explícito o agente: *ele vai/eles vai*.

Aliás, ao citar o Princípio da Economia, Deutscher suscita nomes de linguistas do Século XIX, sobretudo August Schleicher. Dele, Deutscher lembra duas noções que acabaram se tornando muito conhecidas: a de que a língua funcionaria com um ser vivo e a importante noção de que as línguas começaram seu processo de degradação no alvorecer da História. Essa noção, aliás, será retomada em vários momentos na obra. Outro linguista citado por Deutscher é Saussure, a quem ele se

refere como possivelmente o maior linguista de todos os tempos. E não somente por seus famosos cursos de Linguística Geral, mas por sua tese de doutorado, na qual Saussure hipotetizava uma vogal eclodida do Proto Indo-Europeu (PIE), por influência de uma “consoante fantasma”. Ora, como se sabe, tal consoante foi atestada três décadas depois, quando decodificada a língua hitita, cujos registros são os mais antigos entre as línguas do PIE. É justamente desse exemplo saussureano que Deutscher vai “desenrolar” outros tantos exemplos para desenvolver sua tese.

Termina o capítulo justamente retomando a indagação inicial do livro: se as línguas sempre se desfazem em degenerações, por que ainda se mantêm em pé? A resposta preliminar, tão surpreendente, instiga o leitor e nomeia o capítulo seguinte.

No Capítulo 4: *Um Recife de Metáforas Mortas*, embora o nome suscite certo mistério, Deutscher magistralmente mostra a etimologia das metáforas, em especial do verbo ‘decidir’. Tal verbo é associado à expressão “partir em dois”; posteriormente ganha, em praticamente todas as línguas verificadas, o mesmo sentido de hoje, via metáfora. Ainda sobre metáfora, ele continua:

Por que será que basta cutucarmos um pouco as coisas para vermos que a maioria das palavras abstratas tem uma origem concreta? Por que a correnteza da metáfora vai sempre do concreto para o abstrato e tão raramente inverte sua direção? Por que falamos que a legislação é “dura”, mas não falamos que um bife está “severo”? (p. 183)

Para responder, o autor propõe um exercício mental, desafiando-nos a encontrar qualquer “abstração” da qual possamos mapear a origem. Essa sempre será de um termo ‘concreto’. A própria palavra ‘abstrato’ teria vindo do latim, e quer dizer, grosso modo, “arrastar”. No fim da seção, Deutscher volta a falar sobre expressividade e de como ela diminui ou aumenta a depender das situações. Aliás, ainda que Deutscher não deixe claro, expressividade parece estar associada ao sucesso do falante na comunicação com outros da mesma comunidade.

Na seção intitulada *Ter e Manter* desse mesmo capítulo 5, o autor toma como questão latente o verbo ‘ter’. Nem todas as línguas possuem esse verbo, mas através de um *corpus* de seis línguas de diversas famílias – o francês, o basco, o tâmil, o zulu, o português e o próprio inglês – Deutscher mostra que construções com o verbo ‘ter’ podem ocorrer de várias formas, mas todas seguem mais ou menos uma mesma tendência, qual seja: partem de metáforas físicas. A partir dessa premissa, o autor mostra que outras metáforas que culminam em significados equivalentes em ‘ter’ são

construídas de forma bem parecida. Poderíamos aqui arriscar a forma verbal ‘ver’ que já passa a significar algo próximo a ‘perceber’ ou ‘notar’: “Você viu que o barulho parou?”, por exemplo. Deutscher ainda afirma que até mesmo conseguimos enxergar o processo de surgimento do verbo ‘ter’ nas línguas, bem como outros verbos derivados de ‘ter’. São os casos de ‘segurar’, ‘carregar’, ‘agarrar’ e ‘levar’, que surgem pelo processo metafórico, conforme ele vem defendendo ao longo do livro. O autor afirma, ainda, que todo verbo ‘ter’ tem como origem alguma metáfora do verbo ‘pegar’ ou cognatos. Em português mesmo, há evidências do uso do ‘ter’ cognato a *carregar* (Ele carrega uma arma), *agarrar* (João agarra Maria em seus braços) e *levar* (O homem leva sempre consigo uma garrafa). Mais uma vez, ‘pegar algo’, concretamente falando, metaforicamente se transforma em ‘ter’, abstrato.

Em outra seção do mesmo capítulo, intitulada *Espaço-Tempo*, Deutscher inicia seu argumento novamente com uma metáfora: foi apenas no início do século XX que Einstein descobriu que tempo e espaço são dois conceitos estritamente relacionados, no entanto, a intuição humana (a intuição linguística, na verdade) já sabia disso há muito tempo. Ou seja, as *preposições* são espécies de metáfora tempo-espaço. Dado isso, Deutscher dá diversos exemplos, em várias línguas, de que as metáforas de ‘costas’ também servem para nomear ‘atrás’.

Na última seção do capítulo 4, *Por Trás do Espaço*, o autor, novamente, através de preposições, tenta mostrar como as metáforas são decisivas para que se criem novos materiais linguísticos. Por exemplo, na língua ewe, a palavra *megbé* significa ao mesmo tempo: *costas*; *atrás* (de uma casa); *depois* e *atrasado*. Deutscher diz em seguida que esse exemplo deixa claro que há um processo metafórico operando aí: o mesmo item lexical significa mais ou menos a mesma coisa, tanto no sentido ‘mental’ quanto no sentido ‘espacial’. Ao final, o autor nos fornece o panorama por qual perpassam essas metáforas: espaço (atrás), tempo (depois) e, por fim, noções mentais (atrasado).

No capítulo 5, Deutscher fala das *Forças de Criação*, que justamente nomeiam o capítulo. Nele, o autor, com sua escrita despojada, lança mão de uma estratégia peculiar, mesmo para um livro cujo gênero é menos comprometido com a academia. Deutscher anuncia uma conferência fictícia em homenagem ao centenário do escritor George Orwell, na qual será discutido algo sobre linguagem. Com um discurso quase romanesco, um personagem, conferencista e linguista, que defende uma ideia meio “maluca”, baseada numa premissa de Bakunin, afirma que a língua só pode ser

construída (ou mudada), na mesma medida em que é destruída. A ideia geral, já largamente defendida por Deutscher até aqui, é a de que, em suma, a língua vai se construindo na medida em que, digamos, “se apoia” sobre seus próprios escombros. Fornece-nos o exemplo de “going to” bem comportado que foi se “metaforizando” para um item gramatical que serve para muita coisa: do locativo ao temporal no inglês usado hoje em dia.

Talvez o ponto alto do capítulo seja o fato de o autor nos apontar uma miopia que perpassou por séculos os estudos da linguagem acerca do que seja a derrocada das línguas. Ou seja, demorou muito tempo para os linguistas perceberem que “as mesmas forças que destroem também constroem a língua” (p. 227). O degrading das línguas nos faz enxergar apenas um lado da história, ou seja, não se considerou mais que um, e apenas um ponto de vista. Assim, mudanças linguísticas que aparentemente são apenas derrocadas da língua, talvez sejam também forças de construção dessa mesma língua, e é justamente isso que as torna tão complexas. Talvez a mesma “equivalência” entre erosão e construção de estruturas tenha uma relação muito próxima com essa miopia da linguística em afirmar que as línguas estão ficando menos complexas, ponto de vista propagado pelo senso comum, segundo o autor. Pensemos na afirmação de Schleicher, para quem as línguas só seguiam um único caminho, o da derrocada. Hoje em dia, no entanto, sabe-se que não é o que acontece. Conforme o próprio Deutscher procura mostrar em seu livro.

O autor finaliza o capítulo com a seguinte reflexão: enquanto a erosão encurta palavras para que a comunicação seja mais rapidamente vinculada, as forças de construção unem essas pequenas palavras para que se garanta a “expressividade” da língua. Assim, enquanto a erosão, pela força da “preguiça” ou do princípio universal da economia encurtam palavras, a necessidade de maior expressividade alonga palavras, quase que ao mesmo tempo:

[...] uma vez que alguns moldes começaram a surgir, os falantes podiam então formar analogias de “níveis superiores”, ao sobrepor moldes existentes entre si. Assim, quando uma nuance emerge em um tempo verbal, por exemplo, um novo molde para a mesma nuance pode ser formado por analogia com todos os outros tempos” (p. 291).

O capítulo 6, *Anseio por Ordem*, vai mais uma vez suscitar uma força cognitiva pouco explorada do cérebro humano: a busca incansável por *ordem*. É aqui que Deutscher parece pôr à prova, através de vários exemplos, toda sua argumentação. O

autor nos lembra também que, no início do livro, três forças foram suscitadas para dar conta da mudança linguística: economia, expressividade e analogia. A essa altura, apenas foram aprofundadas duas dessas forças, justamente as duas primeiras. A economia seria responsável pela erosão e a expressividade pela construção. É lícito agora, diz o autor, que se concentre na *analogia* para ‘amarrar’ todos os argumentos. Deutscher deixa a analogia para o final justamente porque defende a ideia de que essa é a principal força que faz com que as línguas mudem. Diz ele que o anseio de gerações sobre gerações de falantes pela ordem fez com que eclodissem mudanças promovidas pela analogia. Citação? Exemplos?

O autor relembra um personagem de um conto de Jorge Luiz Borges que não pensa porque está fortemente preso aos detalhes e, portanto, não consegue se concentrar. A ideia geral é a de que falantes de língua materna, não preocupados com os detalhes (as irregularidades), facilmente “regularizam” partes da língua. Assim é que vemos “erros” em crianças, tais como “eu fazi”, “eu di” etc. Sendo assim, Deutscher insiste na ideia de que são as crianças que, ao persistir nesses seus “erros”, são as maiores promotoras de mudanças, por analogia, de regularidades. Ou seja, grosso modo, ao proferir um verbo irregular como regular, por analogia a outros verbos regulares, a criança pode vir a ser agente de uma mudança permanente na língua. Para provar seu ponto de vista, Deutscher nos apresenta cinco ‘pistas’ que desvendam os segredos de uma das famílias linguísticas mais antigas de que se tem notícia, as línguas semíticas. Deutscher nomeia as tais pistas da seguinte maneira: 1) a Vogal Excêntrica; 2) Vogais Mutantes e Verbos Ocos; 3) Gansos, Convidados e Cardeais Alemães; 4) Revolvendo, Revoluções, Revolucionando; 5) A Síncope e a Libertação das Consoantes.

As chamadas “vogais excêntricas” são aquelas que se comportam de maneira mais errática, ao mesmo tempo em que são elas também que marcam as operações mais recorrentes da língua, algo que equivaleria ao nosso morfema zero. No caso das línguas semíticas, marca passado simples. Por essa natureza, são elas as que mais persistem nas línguas, por isso elas são constantes desde o acadiano até ainda hoje nas línguas semíticas. Então, se essas vogais hoje parecem incomuns, ao menos para os padrões das línguas europeias, ao mesmo tempo em que parecem fazer parte de algo constante, é porque, na verdade, são resquícios de um sistema bem mais antigo que permanece desde a ancestralidade desta língua. Grosso, seu valor semântico se aproxima da nulidade, visto que seu uso é arbitrário, tais como as raízes semíticas

para “cobrir” – k-t-m e para “torcer” – p-t-l, que tanto podem aparecer em sua forma pretérita como *aktum* ou *aktin*, assim como *aptil* ou *aptul*.

Já as ‘vogais mutantes’ são modificações em vogais na raiz das palavras, mínimas que sejam (*drink/drank*) e que fazem um verdadeiro arraso no sistema inteiro, visto que ao mudar essa única vogal, o sistema todo precisa ser revisado. Já os ‘verbos ocos’ são aqueles chamados nas línguas semíticas de verbos cujas raízes apresentam apenas duas consoantes, ao invés de três, o que é o habitual. Esses, geralmente descrevem “ações” básicas: *ter*, *morrer* etc. Então, a “vogal excêntrica” é aquele que entraria no lugar dessa consoante oca, faltante no verbo. Geralmente essa vogal é *i* ou *u*, mas no futuro ela é alterada sempre para *a*, criando assim uma diferença, mas não uma irregularidade, como do exemplo citado pelo autor, dos verbos do somali, língua afro-asiática: *imid* – “eu vim” e *imadd* – “eu virei”; ou *iqin* – “eu soube” e *aqan* – “eu saberei”.

A pista 3, ‘Gansos, Convidados e Cardeais Alemães’, tem como objetivo mostrar como uma mutação vocálica passou a marcar uma função gramatical diferente. Porque, como Deutscher mostrou, isso ocorreu nas línguas semíticas, e pode perfeitamente ocorrer em outra família. Via de regra, as mudanças fonéticas são mudanças “cegas”, ou seja, elas não alteram, a princípio, o significado das palavras, nem são motivadas por estas. Mas, na medida em que se vai perdendo de vista tais mudanças, elas podem mesmo levar os significados a se alterarem, na maioria das vezes, por conta das semelhanças ou proximidades sonoras que vão ficando indistintas. Não se pode atribuir a isso somente, mas a sucessivas erosões, mais o anseio cognitivo por ordem. Deutscher nos dá o exemplo de *gestiz* do alemão antigo, cuja última sibilante foi erodida. Ora, esta forma *gestiz* era o correspondente plural para *gesti*, mas quando o “z” final cai, não há mais como diferenciar plural de singular. O passo seguinte da língua foi diferencia o singular *gesti* de *geste* no plural.

O grande mistério, afinal, é descobrir de que forma a vogal *i* ou *e* se transformou em *a*. Foi precisamente por isso que Deutscher retoma tal questão ao apresentar o proto-germânico. Ora, no fim das contas, Saussure tinha razão quanto ao seu *PaXs*, ou seja, aquela consoante misteriosa que fez alterações profundas no sistema consonantal do protoindo-europeu: as laringais, que embora completamente sumidas das línguas germânicas, ainda estão presentes nas línguas semíticas, o que poderia explicar, enfim, a mudança aqui exposta: a então misteriosa de *i* para *a*.

Na pista 4, ‘Revolvendo, Revoluções e Revolucionando’, Deutscher mostra basicamente como ocorrem os ciclos de verbo para substantivo, e de novo para verbo. Ou seja, o autor procura mostrar como algumas palavras “crescem” ao ganhar novos fonemas, sejam eles gramaticais ou lexicais, isso é: como itens para aumentar a expressividade. Pensemos, por exemplo, em *professar* → *profissão* → *profissionalizar*.

Na pista 5, finalmente, ‘Sobre Síncope e Liberação das Consoantes’, o autor mostra que as tais raízes moldadas por consoantes das línguas semíticas são na verdade miragens. Tomemos como exemplo uma palavra inglesa como *spin-span-spun*, se observarmos bem, ela também é construída basicamente de consoantes com vogais no meio. Ora, assim como nos verbos semíticos, tal item em inglês é também apenas constituído, em sua base, apenas de consoantes. Dessa forma, mostra Deutscher, as exóticas raízes verbais semíticas podem perfeitamente serem apenas ilusões que logo são reveladas com adequadas pesquisas diacrônicas: uma ou duas rodadas de erosão e analogia. Aliado a isso, ocorreu um fenômeno fonético conhecido como síncope. Talvez um bom exemplo seja: *fósforo* → *fósfro* que é um caso de síncope em português.

É bom também acrescentar a isso tudo que falantes (e até gramáticos) desavisados não enxergam a língua diacronicamente, então isso dá a impressão de que a língua sempre foi assim, arremata Deutscher ao final deste capítulo (p. 291).

O último capítulo tem o mesmo título do livro, justamente porque é nele que Deutscher começa a “unir os pontos” que desenvolve ao longo do livro em forma de argumentos que, além de defendidos magistralmente, são introduzidos ao leitor de maneira leve. Nesse capítulo, o que Deutscher faz é construir seu raciocínio através de uma pequena narrativa que ele nos fornece, a princípio, com a linguagem que ele chama de “mim, Tazan”. Ou seja, a partir de um texto bastante prosaico, apenas provido de palavras bastante básicas – pronomes demonstrativos, verbos sem conjugações e substantivos – ele vai, ao longo das seções, ‘crescendo o texto’, de modo que consigamos perceber de que forma os ‘apêndices’ e demais aparatos mais sofisticados das línguas foram surgindo e de que forma isso se deu.

Do estágio “mim-tarzan” às complexas sentenças que hoje temos, Deutscher diz que a essa altura tem-se plena condição de fazer um percurso especulativo, porém seguro, de como a língua natural teria se tornado, ao longo dos milênios, cada vez mais complexa. Deutscher procura provar que, dados os exemplos fornecidos ao

longo de sua obra, e com ajuda de alguns exercícios mentais, ele consegue demonstrar que a língua poderia ter saído de um estágio incipiente, para o atual e complexo estado da língua hoje: com suas nuances semânticas expressas por alguns morfemas verbais que são usados para marcar tempo e modalidade, por exemplo. O autor procura fazer o percurso mostrando que, a princípio, a linguagem necessitava de apenas três tipos de palavras cognitivamente “naturais”: *nomes*, *ações* e *pronomes demonstrativos*. Depois, o autor insiste que há uma ordem natural, e, portanto cognitiva, que deve ser seguida: aquele que pratica a ação, o objeto utilizado pela ação e aquele que sofre a ação. Aliado a isso, também se tem o aspecto de qual lugar cada participante deve estar inserido na frase: primeiro *eu*, depois as figuras mais próximas e, por fim, objetos. Aliás, chegando a este ponto, Deutscher diz que o estágio “mim, Tarzan” não poderia ter acontecido num passado muito distante, isso porque o mecanismo por trás dos pronomes é muito sofisticado, e o Tarzan de Burroughs, que aliás nunca pronunciou “mim, Tarzan”, não teria condições de, em seu estágio de linguagem, ter desenvolvido um sistema pronominal, mínimo que seja.

Em seguida, Deutscher apresenta seus argumentos finais em forma de seções. Na seção *Palavras Camaleônicas ou Um Ser Estrangeiro*, o autor debate a complexidade dos pronomes, atestada pelo fato de serem adquiridos tardiamente pelas crianças. Lembrou que todos os pronomes só podem ter eclodido de alguns poucos locativos, ou seja, de uma operação cognitiva básica.

Na longa seção *Fazendo a Frase Crescer*, Deutscher fala dos verbos que se duplicam e se transformam em preposições, ou seja, este é um dos elementos que faz a “frase crescer”. São as preposições, portanto, palavras que fariam a língua sair de um estágio menos avançado a um mais complexo. Novamente, o autor defende que essa mudança se deu através de metáforas. Caso sintomático é o do verbo “passar” para a preposição “por”.

Na seção chamada *A Vida Dupla das Palavras de Propriedade*, o que Deutscher chama de “participantes” pode aparecer expresso numa só palavra “homem”, ou mesmo numa “expressão complexa”: “o velho homem”, dessa forma, ele procura mostrar de que maneira as sentenças ou mesmo os sintagmas poderiam ter se tornado mais complexos: “[...] colocar em cada bloco uma quantidade quase ilimitada de substâncias, sem distorcer os contornos de sua forma – ou [...] empilhar os apêndices na descrição de um participante sem alterar a função desse participante na frase” (p. 327).

Dado isso, o autor analisa tais “penduricalhos” por partes, e naturalmente começará pelos adjetivos, pois eles são derivados de “nomes”, aquela classe de palavras que estariam na base da comunicação linguística. Diz ele que não é difícil imaginar de onde vêm os adjetivos. Dada toda informação aí agregada, esses penduricalhos começam a adquirir ‘valores de verdade’, algo que as ‘substâncias’ não poderiam ter. Assim, numa expressão como “mala”, não se pode atribuir valor de verdade, no entanto, em “mala velha”, já se pode atribuir tal valor de verdade.

Posteriormente, Deutscher fala dos desdobramentos dos possessivos, dos quantificadores, dos marcadores de número e, finalmente, dos artigos. Consequentemente, ele versa sobre a provável origem de todos eles.

Antes do que o autor chama de “a cereja do bolo” para a “frase crescer”, versa sobre a operação que faz com que substantivos se transformem em verbos e vice-versa. Deutscher lembra-nos de que uma das grandes virtudes das línguas modernas é transformar substantivos em verbos. O contrário disso, ou seja, transformar verbos em substantivos é uma operação mais difícil, pois depende mais de abstração para acontecer.

Finalmente, ao falar da *subordinação*, Deutscher encerra sua argumentação para mostrar como crescem as frases. Ele lembra que a primeira das subordinações criadas pela língua, as relativas, funcionam já como uma espécie de ‘apêndice’ de substantivos, que poderiam ser apêndices de outros, e assim sucessivamente. Disso para o surgimento de um conector “que”, no qual flagrantemente, poderíamos supor, venha de demonstrativos, é um passo muito curto. Pensemos que em operações aparentemente simples como em ‘leão devorador’ e em ‘leão devorador de raposas’, nasce a subordinação, a partir de um apêndice do adjetivo, mas que ainda se prende ao substantivo, então núcleo de toda expressão. Por outro lado, as conjunções surgem, então, da necessidade de não se perder no crescente emaranhado da frase agora com vários apêndices. Assim, o ‘leão devorador de raposas’, pode ser enfatizado em ‘o leão que devora raposas’. Daí, com o auxílio dos verbos, estamos a um passo de nuances, tais como ‘o leão que deverá comer as raposas’; ‘o leão que deveria comer as raposas’, e assim por diante.

No Epílogo, volta-se ao paradoxo inicial: a língua é tão bem estruturada, que parece até uma arquitetura pensada por alguém. Tal paradoxo, novamente remete-nos às indagações: (i) por que as línguas são irregulares? (ii) por que temos a impressão de que as línguas eram mais bem acabadas em seus estágios anteriores?

(iii) por que as línguas parecem se desintegrar com o tempo? Lembrando que, para responder a tais questões, Deutscher se valeu de três princípios naturais encontrados em todas as línguas: economia, necessidade de ordem e busca por maior expressividade. Sendo assim, com essas três forças naturais, Deutscher responde às grandes indagações em torno das línguas ao longo de seu livro. É importante lembrar que o autor retoma e insiste que a

Era Dourada revelou-se nada mais do que uma ilusão de ótica, criada por um equívoco crucial. Ao passo que as irregularidades presentes podem ser de fato remontadas a regularidades passadas, o processo de mudança, por sua vez, pode também eliminar irregularidades e criar novas formas regulares (p. 367)

Na seção *A Seta do Tempo e o Ciclo do Tempo*, Deutscher mais uma vez nos mostra que palavras concretas se transformam em palavras abstratas, e nunca ocorre o contrário. Isso leva a crer que um dia houve apenas palavras concretas, ou seja, que um dia houve um estágio anterior das línguas, que culminou com o estágio a que hoje temos acesso graças a nosso aparato cognitivo e aos vários ciclos de mudanças apontadas aqui. Ora, se nossa conhecida língua atual emergiu de um estágio “mim, Tarzan”, é lícito indagarmos por que isso teria acontecido. Ou seja, a língua, ao chegar a este estágio de complexidade, por que não teria avançado? Talvez tal questão ainda não nos pareça distante, mas foi justamente aquela velha e aparentemente desgastada noção de Schleicher de que, com o “fim da História”, as línguas passariam a uma inevitável decadência, é que parece se estabelecer.

É justamente a última seção de “O Desenrolar da Linguagem”, *A Vingança de Schleicher* que, em parte, responde a indagação. É muita coincidência que em tribos pequenas a língua seja aparentemente mais “complexa” do que em grandes metrópoles – notadamente, o inglês. A questão aí seria a comunicação, que nos revelaria como a língua evoluiu. Embora Deutscher levante esta indagação, ela não é necessariamente respondida pelo autor, o que faz com que esta e tantas outras questões aqui levantadas, parem como inquietações ao leitor. Há 10 mil anos, digamos, tribos comunicavam-se menos e apenas uns com os outros, ou seja, apenas alguns poucos indivíduos da mesma sociedade trocando informações relativamente específicas. Talvez tal pressão tenha feito com que a língua fosse moldada para fins tão específicos, forçando assim uma complexidade inerente: “Um fator que pode contribuir para uma estrutura de palavras mais complexa em sociedades menores

pode ser a falta de pressões rumo à simplificação dessas estruturas, que resulta do contato com estranhos que falam línguas ou dialetos diferentes” (p. 377).

Deutscher também atribui ao letramento, ou melhor, à ausência dele, uma maior complexidade na estrutura das palavras, levando à conseqüente complexidade de todo sistema linguístico. E, finalmente, “vingança” de Schleicher porque, tirando seus preconceitos românticos, a sua teoria do que seja língua, sobretudo aquela que diz respeito ao início da História culminando com a decadência das línguas, não é assim tão absurda.

Quanto aos apêndices, eles são, na verdade, retomadas mais aprofundadas dos estudos que Deutscher nos apresenta em forma de argumentos em favor das mudanças e complexidades linguísticas. São eles: A) Categorias Cambiantes; B) Laringais de Novo? C) O Diabo Mora nos Detalhes e E) O Espelho Turco. É importante que se diga que o livro é constituído por diversos mapas e ilustrações que saciam a curiosidade do leitor, sobretudo o leigo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, Guy Deutscher consegue atingir um grande público, não somente pela linguagem acessível, nem somente pelo rico glossário, mas também porque em diversas passagens da obra ele se utiliza do humor, porém sem se valer de comentários levianos ou fúteis. Ao contrário, embora com tal linguagem acessível, seus comentários, mesmo aqueles em que se utiliza de humor, são sempre acertados e enriquecedores. Além disso, o que mais impressiona em “O Desenrolar da Linguagem” são seu tema altamente inovador e ousado e sua construção argumentativa, tão ousada e inovadora quanto seu tema.

DEUTSCHER, Guy. *O Desenrolar da Linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.